

# UM PASSEIO PELO BAIRRO: ANÁLISE DE TRANSFORMAÇÕES E USOS DO ESPAÇO PÚBLICO NO BAIRRO KOBRASOL (SÃO JOSÉ - SC)

---

Suzana Castanheiro Uliano (PPGAS/UFSC)<sup>1</sup>

## Resumo

A proposta desse texto é pensar o bairro Kobrasol, localizado em São José – SC, tendo como aspecto central a relação entre as transformações arquitetônicas e estruturais resultantes do processo de enobrecimento pelo qual este vem passando. Ainda, visa refletir sobre as reverberações de tais mudanças nas dinâmicas de uso dos espaços públicos desse bairro. Para tanto, o texto começa com um histórico da região, seguido de breve debate acerca da metodologia e aporte teórico. Por fim, e com base no debate levantado, busca-se a análise de algumas imagens do bairro, resultantes de uma breve incursão por ele; pensando o urbano a partir do enobrecimento e da disputa.

**Palavras-chave:** Espaço público, enobrecimento, Kobrasol.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes (2013-2015).

## Introdução

Este artigo analisa o processo de enobrecimento ainda crescente no bairro Kobrasol, localizado no município de São José, Santa Catarina (SC). Embora tenha menos de 40 anos de fundação, este bairro já possui vital importância econômica na região continental da Grande Florianópolis.

Segundo Zukin (2000), o enobrecimento dos espaços públicos é um processo marcado por significativas transformações do espaço urbano. Recorrente em diversas cidades do mundo, esse processo tem como maior característica a remodelagem arquitetônica de determinada região a fim de confluir com novas perspectivas econômicas.

Tais transformações alteram de forma significativa o uso dos espaços públicos e constituem uma clara tentativa de mudar o perfil dos frequentadores, afastando, por exemplo, os moradores de rua e usuários de drogas. Ou seja, o enobrecimento também mostra as relações de poder presentes nas cidades.

Considerando isso, o presente texto começa por descrever o Kobrasol, apresentando um pouco de sua história e as transformações ocorridas principalmente nos últimos dez anos. Tais mudanças são apresentadas tendo como base documentos do município e artigos de jornal.

Há por fim o aspecto etnográfico, inspirado naquilo que dá nome a este artigo, *Um passeio pelo bairro*. Utilizando-se da "análise de passagem", abordada por Magnani (2002), os processos de enobrecimento e exclusão são pensados a partir de registros fotográficos do bairro, resultantes de uma pequena incursão por importantes caminhos deste.

## Apresentação do Bairro

Ao se referir às metrópoles europeias da virada do século XIX para o XX, Simmel (2005) descreve-as como campos de dualidades e conflitos, protagonistas de um intenso aceleração econômico e social. Podemos relacionar essa visão às complexas relações presentes no bairro Kobrasol sob

dois aspectos: a celeridade do seu desenvolvimento e a reformulação do panorama econômico e geográfico.

O bairro em questão nasceu há 37 anos<sup>2</sup>, a partir da parceria entre três grandes empresários da região<sup>3</sup> que decidiram transformar um antigo terreno baldio<sup>4</sup>, que em parte sediava o Aero Clube de Santa Catarina nos anos 70, em um loteamento para pequenas edificações residenciais<sup>5</sup>. O projeto inicial, como descrito pelo historiador Milton Knabben,

[...] tinha 569 mil metros quadrados disponíveis, sendo 290 mil metros quadrados para a construção de 70 quadras e 781 lotes, com área média de 400 metros quadrados cada, além de 127.700 m<sup>2</sup> para o complexo viário e 17.640 m<sup>2</sup> para áreas verdes e recreação (KNABBEN apud CAMPOS 2012).

Do projeto desses empresários, surgiu o Parque Residencial Kobrasol, no coração do bairro Campinas. Pensado a princípio por conta de sua proximidade com Florianópolis, tinha como objetivo servir de residência àqueles que trabalhavam na capital.

Sua importância se refletiu na distribuição espacial não só dos moradores da cidade, mas também dos prédios administrativos. No Plano Diretor de São José consta que

Em 1977 a construção do Loteamento Kobrasol no bairro de Campinas absorveu quase por completo as atividades residenciais, econômicas e sociais da primitiva sede do município, permanecendo no núcleo original apenas parte da administração pública e as atividades culturais remanescentes (GT-CADASTRO/FEESC/UFSC, 2004, p. 11).

O bairro teve como marca, desde a sua fundação, a alta densidade populacional, dividindo historicamente com os bairros Campinas e Barreiros os maiores índices de densidade populacional. Como aponta o documento supracitado, a densidade demográfica do bairro excede em alguns lugares

<sup>2</sup> O município de São José tem 263 anos.

<sup>3</sup> A saber, Antônio Scherer, Adroaldo Cassol e Walter Koerich. Para mais ver matéria de Vanessa Campos no Diário Catarinense Online. Florianópolis, 02 de novembro de 2012. Disponível em <http://tinyurl.com/prxowy3>. Acesso em 10 Jul. 2013.

<sup>4</sup> Vide mapa 1.

<sup>5</sup> Quatro andares era o antigo padrão dos edifícios do bairro; hoje os prédios da região podem chegar a ter 19 andares. Vide imagens 1 e 2.

3.000 habitantes por hectare: índices de três a seis vezes maiores que o normal estipulado em outras cercanias.

Apesar da intensa ocupação – ou justamente por conta dela – o Kobrasol figura entre os bairros do município com maior área verde e maior número de praças. Outro dado relevante é que 100% do bairro possui rede de coleta de esgoto<sup>6</sup>.

Porém, a principal característica do bairro, hoje, é seu intenso comércio, que oferece diversos produtos e serviços. Há também uma vida noturna forte, bastante conhecida na região, com diversos bares e restaurantes que oferecem considerável variedade gastronômica e de lazer<sup>7</sup>.

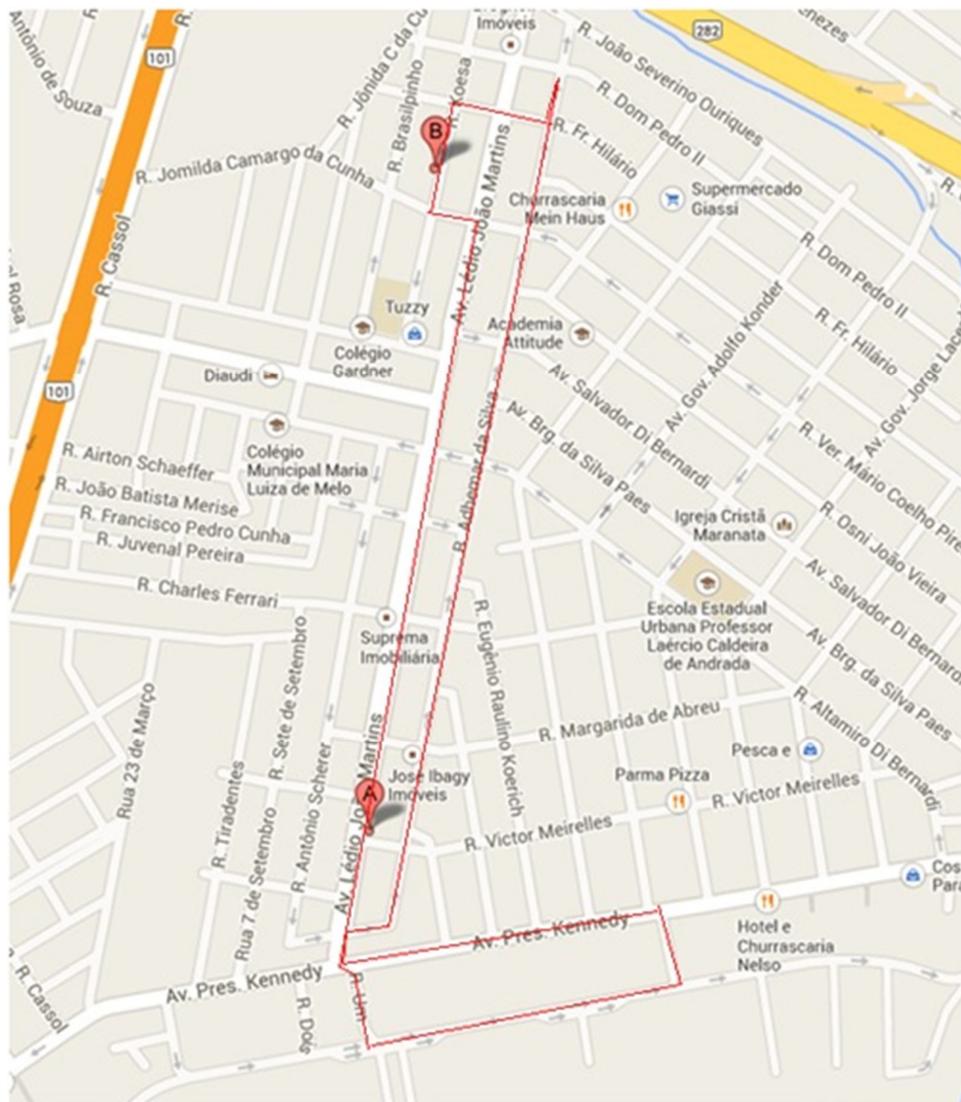
A localização desse bairro também é algo importante. Observando o mapa 1, podemos ver que ele tem quatro importantes vias no seu entorno. À esquerda, a BR-101, que corta o Estado de norte a sul. Na parte superior direita do mapa aparece a BR-282, chamada de Via Expressa, principal acesso por terra à capital. E abaixo, as avenidas Presidente Kennedy – principal acesso a importantes bairros de São José (por exemplo, o Centro Histórico) – e a Beira-Mar de São José, que escoam todo o trânsito da região em direção à capital. Portanto, trata-se de um bairro que tem como característica também a presença de importantes rodovias que, além de delimitarem seu traçado, contribuem para que o bairro seja um lugar de grande circulação.

Já o traço em vermelho destaca o trajeto feito pela pesquisadora, que é o foco de análise na sequência desse trabalho. O ponto de partida é o mais alto do mapa, na rua Adhemar da Silva, seguindo pela rua Koesa e avenida Lédio João Martins (conhecida também como Central) e Beira Mar de São José. O retorno ao ponto inicial se deu pela avenida Presidente Kennedy, e em seguida pela rua Adhemar da Silva. Esse trajeto constitui a parte etnográfica da pesquisa, de onde se apresentam imagens analisadas.

---

<sup>6</sup> Vide análise do plano diretor, págs. 66 e 271, respectivamente.

<sup>7</sup> Consultar nas referências matéria feita por Aline Rebequi sobre a vida noturna nos bairros Kobrasol e Coqueiros, publicada no “Diário Catarinense” de abril de 2013.



Mapa 1: Área correspondente ao bairro Kobrasol e região pesquisada.  
Fonte: <http://goo.gl/maps/dCeZH>

### Antropologia *do* e *no* bairro

Convido o leitor a, antes de tudo, pensar aquilo que Gilberto Velho chama de “estranhar o familiar”. Podemos compartilhar com ele a ideia de que “o que vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente” (VELHO, 1999, p. 126). Estranhar o familiar é, nesse caso,

um passo indispensável para poder perceber, no espaço residencial, aspectos ligados à economia, poder e enobrecimento do Kobrasol, como proposto aqui.

No entanto, observar a cidade “da janela do meu apartamento”<sup>8</sup>, assim como o autor diz, não parece ser interessante para se perceberem as relações entre sujeitos e(m) suas práticas, nos usos do espaço público. Dado isso, optou-se aqui, a partir de Magnani (2002), apresentar alternativas para estudar o espaço urbano.

O olhar que este trabalho busca desenvolver tem por interesse a contraposição entre duas abordagens. A primeira abordagem explora a percepção crítica da cidade a partir do “colapso do sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, a falta de moradia, a concentração e desigual distribuição dos equipamentos, o aumento dos índices de poluição, da violência” (MAGNANI, 2002, p. 12). Já a segunda se aproxima da semiologia, abordando os signos resultados “da superposição e conflitos de signos, simulacros, não-lugares, redes e pontos de encontro virtuais” (MAGNANI, 2002, p. 12).

Com esse contraponto, o que se busca é pensar o espaço público a partir da relação dos sujeitos, os usuários da cidade, aqueles que vivem e a transformam, com os espaços do referido bairro a partir de alguns registros simbólicos. Dadas as limitações de tempo e espaço, não se pode dizer que o que foi feito aqui constitua uma etnografia, muito menos como algo “de perto e de dentro”. O que veremos aqui é mais o que Magnani chama de “análise de passagem”, que consiste em

(...) percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz. O relato final, geralmente na forma de ensaio, termina por expressar essa experiência por meio do uso de metáforas que serão tanto mais sugestivas quanto maior a criatividade do analista e o leque de relações que estabelecer: “hibridização”, “porosidades”, “territorialidades flexíveis”, “não-lugares”, “configurações espaço temporais”, “paisagens disjuntivas” e outras (MAGNANI, 2002, p.18).

---

<sup>8</sup> Idem.

Ou, como dito anteriormente, em torno do processo de enobrecimento. Dadas as ressalvas e limites, iniciemos essa análise para saber suas possibilidades.

### **Os processos de transformação do espaço**

O Kobrasol, como já apresentado, é um bairro que desde a sua fundação vem passando por diversas transformações arquitetônicas, viárias e econômicas. Para compreender estes fenômenos, optou-se pela obra de Sharon Zukin (2000), cuja pesquisa busca tratar das relações de poder envoltas nos processos de enobrecimento, tomando como exemplo para suas análises, grandes cidades do mundo, pensadas sob o aspecto da paisagem pós-moderna: ambígua e, por isso mesmo, difícil de definir em termos de identidade<sup>9</sup>.

Segundo ela, tais transformações podem ser vistas sob dois aspectos. Um deles é o processo ocorrente em “antigas cidades modernas”, como Nova York ou Chicago, que tem como marca o enobrecimento caracterizado pela substituição de seus antigos moradores, com seu estilo vernacular de velhas edificações, por novos moradores e construções, demarcando uma paisagem marcada pelo poder cultural investido. Já em cidades mais novas e modernas, como Miami, a extrapolação do consumo torna a própria paisagem um produto<sup>10</sup>.

Ao se trazer tais perspectivas, não se pode ignorar a relação entre as transformações do espaço e sua identidade. Embora a autora em questão trabalhe com grandes cidades do mundo, sua análise pontua aspectos de grande relevância para pensar o que aqui analiso – o bairro Kobrasol.

Por exemplo, ao pontuar o caso das pessoas que têm que se mudar por não terem mais condições financeiras de se manter no mesmo lugar, remete também a um processo que podemos ver acontecer no bairro em questão,

---

<sup>9</sup> Segundo a autora, “uma paisagem urbana pós-moderna não apenas mapeia cultura e poder: mapeia também a oposição entre mercado – as forças econômicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas – e lugar – as formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando a base para uma identidade estável” (ZUKIN, 2000, p. 83).

<sup>10</sup> A exemplo da Disneyworld.

posto ser esse também um dos reflexos mais imediatos do processo de enobrecimento.

As transformações espaciais podem ser melhor compreendidas se remetermos ao conceito de paisagem, definido por Zukin como

(...) uma ordem espacial imposta ao ambiente – construído ou natural. Portanto, ela é sempre socialmente construída: é edificada em torno de instituições sociais dominantes (a igreja, o latifúndio, a fábrica, a franquia corporativa) e ordenada pelo poder dessas instituições (ZUKIN, 2000, p. 81).

Pensando a paisagem pós-moderna, resultado de relações econômicas e de poder, ela a define como

Um processo social de dissolução e rediferenciação e como uma metáfora cultural dessa experiência. Conseqüentemente, o processo social de construção de uma paisagem pós-moderna depende da fragmentação econômica das antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração que é fortemente matizada pelas novas formas de apropriação cultural (ZUKIN, 2000, p. 81).

Zukin (2000) aponta a identidade como um aspecto crítico na paisagem pós-moderna, dado que o quadro de mudanças estruturais característico desse tipo de transformação torna o ambiente ambíguo. Em suas palavras,

O espaço incita e imita a ambigüidade. Os sítios específicos da cidade moderna são transformados em espaços liminares pós-modernos, que tanto falseiam como fazem a mediação entre natureza e artefato, uso público e valor privado, mercado global e lugar específico (ZUKIN, 2000, p. 82).

Sobre os reflexos dessa transformação nos sujeitos, aponta que “o comportamento aprendido é sempre posto em questão quando a liminaridade cruza lugares lucrativos com não lucrativos, casa com espaços de trabalho, bairro (residencial) com centro (comercial)” (ZUKIN, 2000, p. 82). Com base no que estamos discutindo, convido o leitor a voltar ao bairro Kobrasol através da análise de algumas imagens.



**Imagem 1: parte final da avenida Central, próxima à via Expressa.  
Fonte: a autora (2013).**

Nessa imagem, vemos alguns prédios antigos, de quatro andares – todos com algum estabelecimento comercial em seu piso térreo –, uma casa de comércio para alugar, três prédios com mais de dez andares, sendo um ainda em construção, um terreno vazio (à direita) e a avenida, sem a presença do calçadão, que ocupa aproximadamente metade do trajeto da via.

Chama a atenção justamente o local dessa foto. Trata-se de parte da avenida Central. Essa é uma das principais avenidas do bairro, que lhe intercepta ligando a av. Presidente Kennedy à via Expressa. Como mostra a imagem, se antes a maioria das construções eram traços de um bairro residencial de arquitetura simples – sem elevador, porteiro ou mesmo garagem para todos os apartamentos – hoje o que se constata são empreendimentos cada vez maiores, mais modernos e mais altos, tomando assim, também, os céus da cidade. Como consequência, a densidade populacional do bairro é cada vez maior.

A avenida Central está dividida em uma parte com calçadão (que vai do acesso pela Presidente Kennedy até aproximadamente a metade da avenida) e a outra, da imagem. Sendo o calçadão um dos maiores traços do enobrecimento no Kobra Sol, falemos sobre ele.

### *O Calçadão*

Inaugurado no ano 2000, o Calçadão do Kobrasol é um dos maiores exemplos do processo de enobrecimento empreendido no bairro, por mudar toda a dinâmica da avenida, diminuindo o fluxo de carros e priorizando os pedestres. Se pensarmos as mudanças que esse calçadão trouxe ao bairro, veremos que outros desdobramentos analíticos são possíveis.



**Imagem 2: parte central da Avenida. Central, com o calçadão ao centro.**  
Fonte: a autora (2013).

Em termos práticos, o objetivo do calçadão (centro da imagem 2) é dar prioridade às pessoas em detrimento dos carros. O que à primeira vista parece ser uma iniciativa a fim de trazer segurança aos moradores do bairro pode acabar por revelar um dos aspectos mais evidentes do processo de enobrecimento que estamos analisando.

Chamo mais uma vez a atenção para a diferença entre a parte da avenida com e sem calçadão, comparando as imagens 1 e 2. Aponto aqui que as medidas de “humanização” da avenida Central são, na verdade, aspectos de um projeto de enobrecimento da região. Afinal, a estrutura facilita o acesso do pedestre ao comércio, incrementando a economia e valorizando o bairro, tanto para os comerciantes quanto para os proprietários de lugares tidos como alto padrão. Um exemplo disso é o Kobrasol Center, que aparece nessa foto à direita nas cores em vermelho e creme.

Um dos resultados desse enobrecimento é a constante presença da Polícia Militar, como aparece na imagem 2, que mostra uma viatura parada em pleno Calçadão. A polícia, presença constante no Calçadão (principalmente nos finais de semana) é um indicativo de quem deve e quem não deve circular por ali<sup>11</sup>. Tornando essa via uma área monitorada, os que usam os espaços públicos do bairro para diversos fins, inclusive moradia, se veem obrigados a se deslocar para outras áreas. Refiro-me especificamente aos moradores de rua, usuários de drogas e àqueles que trabalham com coleta de material reciclável<sup>12</sup>. Esses sujeitos foram vistos nas ruas em torno do Calçadão, como mostra a imagem 3 subsequente, na avenida Adhemar Silva.



**Imagem 3: homem em situação de rua dormindo na entrada de uma casa noturna do bairro. Fonte: a autora (2013).**

### **Concluindo, ou “eu saí da cadeia, minha família não me quer, to com fome (sic)”**

A frase acima estava toscamente escrita numa placa de madeira encontrada na ligação entre a av. Presidente Kennedy e a Beira-Mar de São José. Essa placa, assim como os cobertores e peças de roupa que são facilmente encontrados pelo bairro, principalmente em sua parte não enobrecida, é sinal da presença destes sujeitos que, mesmo à revelia dos

<sup>11</sup> Embora existam diversas denúncias de moradores quanto aos comerciantes que possuem estabelecimentos noturnos no bairro, a presença da polícia é de comum acordo entre estes.

<sup>12</sup> O bairro Kobrasol está próximo de outros três bairros carentes – Chico Mendes, Monte Cristo, localizados em Florianópolis, e Barreiros, em São José. Por se tratar de um bairro central, o Kobrasol acaba por concentrar grande quantidade de sujeitos em situação de rua e pedintes.

proprietários e comerciantes da região, usam os espaços do bairro de diferentes formas, deixando pelas ruas evidências de sua presença (e existência) a olhos atentos – ou “estranhadores” – remetendo ao já citado Gilberto Velho.

O processo de enobrecimento é agressivo, caracterizado por transformações radicais, que no Kobrasol se tornam visíveis, sobretudo, na arquitetura e economia. Esse processo tem também outra marca: a liminaridade<sup>13</sup>, quebrando assim vínculos entre os antigos moradores, acostumados com um bairro de perfil residencial, e os novos usuários desse.

Para finalizar, tomo como inspiração o texto “A guerra dos lugares”, de Antônio Arantes (2000), para afirmar que o enobrecimento visível nos espaços urbanos é, na verdade, a transformação destes em espaços de guerra, de exclusão social, expulsando de áreas de uso comum os indesejados, social, econômica e esteticamente. Através de mecanismos aparentemente sutis, como um calçadão, promovendo a exclusão de alguns segmentos do bairro.

O mais marcante do processo de enobrecimento trabalhado nesse espaço é a sua capacidade de modificar radicalmente os lugares a ele submetidos, mexendo com a arquitetura, o comércio, o público (atraído e expulso desses lugares ao sabor dos interesses), o fluxo de pessoas e mercadorias e seus horários de circulação. Chamo a atenção para o Plano Diretor do Município, concluído em 2004 e até agora não votado pela Câmara<sup>14</sup> e, no meio disso, o aumento do limite de andares para as construções no bairro, que passou para dezenove andares.

Ao se propor a “mapear zonas de turbulência”, Arantes apresenta uma São Paulo em “guerra”, uma guerra quase de cada um contra o outro. Guerra contra quem assalta, por não ter condições de sobreviver, e contra quem é assaltado. Guerra contra quem dorme nas ruas, por não ter casa – ou por ter fugido dela (em guerra com a família, portanto) e também contra quem tem

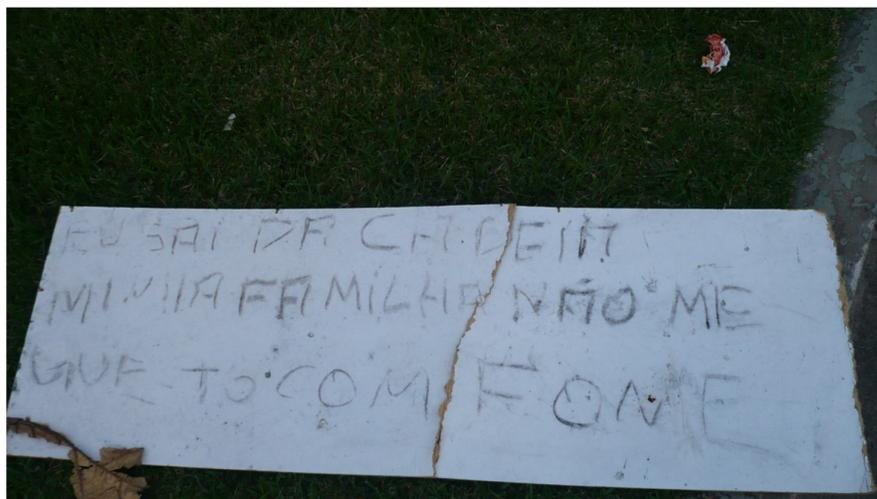
---

<sup>13</sup> Termo que surge na antropologia a partir dos estudos de performance e rituais, principalmente com Van Gennep e Victor Turner, e remete à situação (geralmente ritual) de se estar entre dois estados diferentes de existência.

<sup>14</sup> Conforme o *blog* “Urbanidades”, “O Plano Diretor de São José foi elaborado entre os anos de 2003 e 2004, através de uma parceria entre a Prefeitura Municipal e a Universidade Federal de Santa Catarina. Após dois anos de um processo amplamente participativo, o plano foi entregue à Câmara de Vereadores para votação. Até o momento, entretanto, o plano ainda não foi aprovado”.

onde morar, mas paga – cada vez mais caro – para viver. Essa guerra bancada pelo Estado, ao não prover nem permitir, deixa ao alcance das vistas – e dos pobres – apenas uma polícia que teatraliza para o abastado uma segurança que, para o excluído, se manifesta em agressão e maus-tratos.

Por fim, essa guerra é silenciosa, salvo o barulho dos bate-estacas e das demolições sucessivas de antigas edificações, transformando assim a arquitetura e envolvendo comerciantes, moradores e freqüentadores do bairro num embate que, embora não declarado, é explícito. É uma guerra não contra a pobreza, tendo como pressuposto o bem-estar que a palavra humanizar nos traz, mas contra os pobres, contra aqueles que a pobreza atinge.



**Imagem 4: placa encontrada na rua com os dizeres “eu saí da cadeia, minha *família* não me quer, to com fome”.**

**Fonte: a autora (2013)**

## Referências Bibliográficas

- ARANTES, A. Antônio. A guerra dos lugares. Mapeando zonas de turbulência. In: **Paisagens paulistanas. Transformações do espaço público**. Campinas: Unicamp, 2000.
- CAMPOS, Vanessa. Fundadores do Kobrasol contam como criaram um dos bairros mais pulsantes de São José. **Diário Catarinense Online**. Florianópolis, 2 de novembro de 2012. Disponível em <<http://tinyurl.com/prxow3>>. Acesso em 10 Jul. 2013.
- GT-CADASTRO/FEESC/UFSC. **Leitura da cidade de São José, SC** (tendências e potenciais). Florianópolis, 2004, 337 p, mapas (92) - Projeto de Revisão do Plano Diretor de São José – SC.
- MAGNANI, J. G. De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, v. 17 n. 49. jun 2002. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf) Acesso em: 10 jul. 2013
- REBEQUI, Aline. Como surgiu a vida noturna de Coqueiros e Kobrasol. Notícias, **Diário Catarinense Online**, Florianópolis, 5 abr. 2013. Disponível em <http://tinyurl.com/ooflnkh>. Acesso em: 10 jul. 2013.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In **Mana: estudos de Antropologia Social**, v. 11, n. 2, 2005. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 jul. 2013.
- VELHO, Gilberto. “Observando o Familiar” In: **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.